

DEIXA FALAR: UMA PROPOSTA QUILOMBISTA

Carlos Augusto da Conceição Junior

Mestrando no Programa de Pós-graduação em História Comparada pela UFRJ

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo fazer uma reflexão acerca da escola de samba enquanto um quilombo. Ou seja, um espaço de sociabilidade entre os negros e negras, onde os mesmos têm a liberdade, que é privada pelo Estado, de exercer suas atividades culturais de forma segura, sem precisar se preocupar em sofrer represália da polícia a serviço do Estado. A escola de samba aqui pode ser pensada a partir das contribuições de Antônio Candeia e Abdias Nascimento como espaço de socialização de pessoas que são perseguidas diariamente pelo Necro-Racista-Estado, conceito também desenvolvido aqui. O objeto abordado será a fundação da Deixa Falar, o que viria ser a primeira Escola de Samba, tendo como principal fundador o Ismael Silva, no bairro Estácio de Sá, na cidade do Rio de Janeiro em 1928, com o intuito dos sambistas do Estácio poderem brincar o carnaval sem precisar entrar em conflito com a polícia.

PALAVRAS-CHAVE: Escola de samba; Sociabilidade; Deixa falar; Quilombo; Necro-Racista-Estado.

ABSTRACT: The present article aims to reflect on samba schools as a *quilombo*. Which means, a space of sociability between black men and women, where they have freedom, curtailed by the State, to perform their cultural activities without fearing reprisal. The samba school here can be thought from the contributions of Antônio Candeia e Abdias Nascimento as a space for sociability for people who are daily persecuted by the Necro-Racist-State, concept also developed here. The addressed object will be the foundation of *Deixa Falar*, which would become the first samba school having as its main founder Ismael Silva in the Estácio de Sá neighborhood, in the city of Rio de Janeiro in 1928. The goal was to allow the Estácio's *sambistas* to play carnival without conflict with the police.

KEYWORDS: Samba school; Sociability; Deixa Falar; Quilombo; Necro-Racist-State.

Introdução

Este artigo pretende desenvolver um pensamento quilombista a partir da experiência da fundação da Deixa Falar, considerada por muitos como a primeira escola de samba, baseando-se na perspectiva de Abdias Nascimento (1980), em sua obra *Quilombismo: Documentos de uma militância pan-africanista*, onde o autor comenta sobre a importância histórica dos Quilombos enquanto resistência do regime escravocrata, sobretudo no Brasil, e como esses espaços serviram de combustível para inspirar quilombos modernos, tal qual o

exemplo que o próprio autor cita do Escola de Samba Quilombo, que teve como seu principal expoente, o Antônio Candeia.

Ademais para entendermos essa opressão que a população afro-brasileira sofre até os dias de hoje, foi preciso nos debruçarmos no conceito de Necro-Racista-Estado, cunhado pelo Historiador e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Wallace de Moraes, onde o mesmo traça uma história das origens desse Necro-Racista-Estado a partir do conceito de Biopolítica e Biopoder de Michel Foucault e do conceito de Necropolítica de Achille Mbembe trazendo para a realidade brasileira, de forma a justificar o extermínio de pessoas negras, indígenas, LGBTQIA+, dentre outras minorias, por parte do Estado, com o auxílio da polícia militar.

Apesar da Escola de Samba Quilombo e a Deixa Falar terem existido em momentos distintos – e este trabalho aqui não se trata de um trabalho comparativo – podemos conceber essas duas agremiações enquanto quilombos, de acordo com o conceito desenvolvido por Abdias Nascimento. A primeira, com o objetivo de resgatar às raízes da cultura afro-brasileira de forma mais demarcada e específica, e a segunda sendo um espaço organizado onde o negro pudesse participar dos desfiles carnavalescos sem ser surpreendido pela agressão policial, comum à época, bem como propor uma organização onde fosse possível valorizar e exaltar a sua própria cultura.

Toda esta explanação acima descrita será desenvolvida de forma mais aprofundada nos próximos tópicos.

1. A condição social do negro no pré e pós abolição

É impensável falar sobre a repressão do Estado à população negra no Brasil sem fazer um balanço histórico das condições sociais do negro. No final do século XIX ocorreu uma imigração dos brancos europeus para o Brasil em busca de trabalho, e não só, mas também, acreditava-se que o Brasil precisava passar por um processo de “embranquecimento” de sua população, para que o país pudesse atingir um grau de prosperidade econômica e social, visto

que o negro representava atraso. Então era preciso miscigenar a população brasileira para que atingisse esse status elevado de sociedade, como na Europa⁵⁹.

Segundo Nascimento (1980), esses imigrantes europeus que chegaram ao Brasil não tiveram nenhuma dificuldade em demonstrar o seu preconceito racial com os afro-brasileiros. Além de beneficiarem-se de sua condição de raça, puderam ocupar o lugar dos negros que foram sendo expulsos do sistema de trabalho à medida que se aproximava a abolição da escravatura, em 13 de maio de 1888.

Para além da falta de trabalho que a população ex-escravizada estava inserida, haviam também as condições precárias de habitação. Essas pessoas foram empurradas para moradias como as favelas, porões, mocamos, entre outros, fora toda repressão policial sofrida pelo único fato de serem negros ex-escravizados. Este panorama já evidencia as dificuldades que esses corpos tiveram para se estabelecerem no período pós abolição, sem qualquer perspectiva de progressão social.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística denomina “empregados em serviço” os subempregos, como, por exemplo, os ofícios de engraxate, lavador de carros, vendedor ambulante, entre outros. E é nesta classificação que está inserida a grande maioria da população negra e periférica do Brasil⁶⁰. Segundo Nascimento (1980), é a partir desta difícil condição que nasce a necessidade urgente do negro de defender sua sobrevivência e de assegurar a sua existência.

1.2 O Necro-Racista-Estado no Brasil

Para entendermos as necessidades da construção do Quilombismo -e aqui da escola de samba enquanto um quilombo- é preciso, antes de tudo, compreendermos o conceito de Necrofilia Colonialista Outrocida (NCO), cunhado pelo Historiador Wallace de Moraes (2020), que evidencia como os aparelhos repressores do Estado -sobretudo a polícia- operam sobre o corpo negro e periférico, além de outras minorias, é claro.

⁵⁹ Me refiro aqui a tentativa de criação do mito da democracia racial abordado na obra de Gilberto Freyre em *A Casa-Grande & Senzala* (1933).

⁶⁰ Apud NASCIMENTO (1978 : 254)

Segundo De Moraes (2020), os conceitos de Necropolítica (Mbembe) e de Biopolítica e Direito Soberano de Matar (Foucault), expressam a existência de uma política de morte atravessada pela questão do racismo, muito forte no Brasil.

Trata-se da categoria “Necrofilia Colonialista Outrocida (NCO)” que externaliza não apenas o direito soberano de matar (necropolítica), mas um desejo, um anseio, um ódio exacerbado e racista de determinados governantes por liquidar, fisicamente e/ou psicologicamente, grupos específicos como negros, indígenas, pobres, LGBTQIA+, mulheres independentes, revolucionários, rebeldes e “bandidos”. (De Moraes. 2020 :18)

Ou seja, a Necrofilia Colonialista Outrocida expressa um anseio pela morte de grupos específicos com o respaldo do Estado, que através de políticas realizadas por governantes, beneficiam grupos sociais economicamente e historicamente privilegiados, conferindo então um Necro-Racista-Estado.

1.3 A prática do Necro-Racista-Estado e as favelas

É comum assistirmos nos noticiários dezenas de reportagens sobre mortes e invasões a favelas e comunidades por todo o Brasil. Fica nítido que a polícia invade esses espaços com o intuito de matar corpos negros. Há uma clara distinção entre o tratamento dado por esta instituição às pessoas que vivem nas zonas mais nobres e os moradores das zonas mais periféricas. A precária questão social do negro no Brasil é um fato, pois segundo Nascimento (1980):

Tendo-se em vista a condição social do negro a margem do emprego ou degradedado no semi-emprego e no subemprego; levando-se em conta a segregação residencial que lhe é imposta pelo duplo motivo de raça e pobreza, destinando-lhe como áreas de moradias como ghettos de várias denominações: favelas, alagados, porões, invasões, conjuntos, populares ou residenciais; considerando-se a permanente brutalidade policial e as prisões arbitrárias motivadas pela cor de sua pele compreende-se porque todo negro consciente não tem a menor esperança que uma mudança progressista possa ocorrer espontaneamente em benefício da comunidade afro-brasileira. (NASCIMENTO 1980 : 253)

Não é correto dizer que a instituição policial é o único aparelho do Estado que está presente nesses lugares. De acordo com De Moraes (2020), há também a presença massiva do Estado na cobrança de tributos, existentes na compra de qualquer produto dentro das favelas. Ou seja, o Estado, além de situar-se com seu aparelho repressor -polícia- para matar e/ou torturar pessoas negras, ele também se faz presente como sugador de dinheiro. Curiosamente, quando se trata de saneamento básico, saúde, educação e habitação, por exemplo, este mesmo Estado, se omite do seu suposto papel de cuidador. O que revela que seus reais objetivos são a

opressão e o extermínio dos corpos presentes nas favelas e comunidades, além da extorsão financeira dos mesmos.

A partir dos dois autores mencionados, De Moraes (2020) e Nascimento (1980), podemos ter um panorama da realidade do negro no Brasil frente às precárias condições de subsistência desses corpos, que são marginalizados e excluídos diariamente e historicamente pelo Estado brasileiro ao omitir-se frente às necessidades básicas que são um direito e deveriam ser garantidos, mas não o são, reforçando assim, o princípio do Necro-Rascista-Estado.

2. O quilombismo como manifestação de resistência

Iremos nos apoiar nos escritos de Nascimento (1980) para abordar a questão do quilombismo como movimento de resistência às práticas do Estado, conforme abordado em outro momento neste artigo. Mas, antes de entrar a fundo para compreender as características e formação de um quilombo, é preciso traçar um breve panorama de suas raízes.

Os quilombos são fruto de uma exigência vital dos africanos escravizados para defender as suas existências, articulando fugas das senzalas com intuito de resgatar a liberdade e construir uma “sociedade paralela”, onde os mesmos poderiam viver através da ajuda mútua, promovendo um bem estar para seus irmãos e irmãs outrora escravizados pelos colonizadores brancos europeus, durante o período colonial.

Rapidamente os quilombos se espalharam por diversos pontos da colônia, ganhando cada vez mais força e servindo de incentivo para outros cativos fugirem e juntarem-se nos quilombos já existentes ou até mesmo formarem novos. O maior exemplo no Brasil foi o Quilombo de Palmares⁶¹, tendo como principal liderança um personagem chamado Zumbi⁶².

Segundo Nascimento (1980), o Quilombismo se estruturava em formas associativas que poderiam estar localizadas nas florestas, local de difícil acesso para os colonizadores, facilitando assim o seu sistema defensivo e criando o seu próprio sistema econômico e social.

⁶¹Quilombo dos Palmares foi um quilombo de resistência de escravos fugidos no período colonial do Brasil, localizado na Serra das Barrigas, na capitania de Pernambuco. Hoje pertence ao município de União dos Palmares, no estado de Alagoas.

⁶² Zumbi dos Palmares foi um quilombola brasileiro que liderou o Quilombo dos Palmares, considerado o maior dos quilombos no período colonial.

Fundamentalmente, todo o quilombo que existiu no período colonial brasileiro desempenhou um papel importante para a comunidade negra.

2.1 Dos quilombos ilegais aos permitidos

Acima, tratamos dos quilombos, de maneira geral, como uma forma de resistência física e cultural ao sistema escravista que imperava no período colonial no Brasil, bem como sua importância para uma continuidade de suas raízes africanas, por parte desses escravizados. Obviamente, esses quilombos foram perseguidos pelos colonizadores e pela coroa portuguesa o tempo todo. Exemplo claro que seu funcionamento era ilegal e clandestino, perante as imposições coloniais da época. Essas complexas comunidades quilombolas serviram de inspiração para outros modelos quilombistas que surgiram após o período de escravidão.

Fazendo uso do conceito de quilombismo abordado anteriormente, é possível reconhecer hoje, diversos quilombos legalizados, como associações, centros religiosos de matrizes africanas, e as escolas de samba - que é o que nos interessa, em específico, neste artigo – como espaço de resistência, liberdade e perpetuação da cultura afro-brasileira.

Contudo, mesmo a existência desses quilombos atuais serem permitidos pelo Estado e a classe dominante, eles ainda são vistos sob uma ótica racista, preconceituosa, como um lugar de negros, subalternos ou até mesmo como um local alegórico⁶³, assim como os quilombos existentes no período colonial. Ou seja, a classe dominante que permite é a mesma que oprime.

Sendo assim, tanto as organizações ilegais quanto as permitidas, formam uma unidade, ou seja, local onde pessoas compartilham do mesmo interesse e objetivo ao praticar suas manifestações culturais, assumindo as rédeas de sua própria história enquanto protagonista. “A este complexo de significações, a esta práxis afro-brasileira, eu denomino quilombismo.” (NASCIMENTO 1980 : 255).

2.2 Quilombismo como estratégia de sobrevivência

⁶³ Podemos refletir a partir desta colocação que por se tratarem, por parte das elites econômicas e políticas como espaços alegóricos, poderiam ser considerados como inofensivos aos olhos das sociedades.

O quilombismo tem se mostrado capaz de mobilizar disciplinadamente a população negra por conta do apelo psicossocial, cujas raízes estão intrínsecas na história, na vivência e na cultura dos afro-brasileiros. Nascimento (1980), em seus escritos, cita a forma como o Movimento Negro Unificado Contra o Racismo e a Discriminação registram o seu conceito quilombola:

Nós, negros brasileiros, orgulhosos por descendermos de Zumbi, líder da República Negra dos Palmares, que existiu no Estado de Alagoas, de 1596 a 1695, desafiando o domínio português, e até holandês, nos reunimos hoje, após 283 anos, para declarar a todo o povo brasileiro nossa verdadeira e efetiva data: 20 de Novembro, Dia Nacional da Consciência Negra! Dia da morte do grande líder negro nacional, Zumbi, responsável pela primeira e única tentativa brasileira de estabelecer uma sociedade democrática, ou seja, livre e em que todos - negros, índios e brancos – realizaram um grande avanço político, econômico e social. Tentativa esta que sempre esteve presente em todos os quilombos. (apud NASCIMENTO 1980 : 256)

O manifesto citado acima, é de 1978 e marca a definição da data que se celebra o dia da consciência negra. Trazendo luz ao quilombismo enquanto um conceito que nos permite compreender essa complexa rede que une os afro-brasileiros. O modelo quilombista, ao longo da história, atua como uma dinâmica de organização desde o século XV, e vem se atualizando ao longo do tempo de acordo com as necessidades históricas e geográficas das sociedades, o que acaba impondo uma diferença na forma organizativa, que, embora não tenham as mesmas características, essencialmente se mantêm a mesma, justamente por permanecer com o mesmo objetivo: uma resistência afro-brasileira às opressões sofridas.

3. Escola de Samba Quilombo

Nesse tópico, referenciado pelo trabalho de Candeia e Isnard (1978), iremos discutir como a população negra se usa de mecanismos permitidos pelo Estado para promover atividades voltadas à promoção da cultura afro-brasileira, como é o caso da Escola de Samba Quilombo, fundada por Antônio Candeia⁶⁴, longe das imposições de um sistema dominante, resultando em uma verdadeira subversão.

O Grêmio Recreativo de Arte Negra Quilombo foi fundado no dia 8 de dezembro de 1975, por um grupo de sambistas e compositores desiludidos com a grandeza que escolas como a

⁶⁴ Antônio Candeia Filho, mais conhecido como Candeia foi um sambista, cantor e compositor brasileiro e um dos principais fundadores do Grêmio Recreativo de Arte Negra Escola de Samba Quilombo.

Portela começaram a assumir. Seus principais expoentes foram Nei Lopes, Paulinho da Viola, Wilson Moreira e Candeia, grandes nomes do samba da época até os dias de hoje.⁶⁵

Candeia e Isnard (1978) afirmam que a criação do Quilombo surgiu da necessidade de preservar a identidade do povo afro-brasileiro na cultura brasileira. Além disso é “o núcleo de defesa do sambista” (CANDEIA & ISNARD 1978 : 87). Ou seja, um local legítimo onde se exalta e defende a cultura do negro, protegido – ou minimamente protegido – das opressões e preconceitos sociais, buscando chamar a atenção da sociedade brasileira para a essência da arte negra nacional. Um verdadeiro Quilombo.

A principal característica da escola de samba Quilombo, era combater a importação de produtos culturais prontos e acabados, produzidos no exterior, uma vez que a realidade brasileira sempre foi caracterizada pela falta de autonomia e de mercado econômico cultural interno. Para Candeia e Isnard (1978), produzir cultura significa fazer criações originais, caso contrário, desenvolve-se uma cultura alienada, que atende as necessidades mercadológicas de produção e baseadas em referências externas. Dessa forma explica-se o complexo de inferioridade desenvolvido no seio da produção cultural brasileira, que acaba seguindo uma tendência e um padrão de modelos estrangeiros de cultura.

3.1 A modernização é inimiga da essência

Ao longo dos últimos anos, vemos uma crescente influência da cultura estrangeira sobre a cultura brasileira, sobretudo com o advento das emissoras de rádios, cinemas e televisões, aparelhos tecnológicos esses, que nos possibilitaram a conexão com diversas partes do mundo, resultando na chamada globalização⁶⁶. Entretanto, a globalização nos trouxe sérios problemas no que diz respeito à valorização e memória da nossa história e cultura, pois ela chega com a intenção de apropriar-se de nossas raízes afim de suprimi-las e modificá-las, dando-lhe uma nova roupagem, mais interessante ao mercado.

Dito isto, a escola de samba Quilombo “é um desejo as massas sambistas que são mantidas alheias a qualquer nível de decisão no seu próprio meio, corrompidas e violentadas

⁶⁵ <https://dicionariompb.com.br/g-r-a-n-e-s-quilombo/dados-artisticos>

⁶⁶ Tratamos a globalização aqui como processo desenvolvido ao longo do período da Guerra Fria e práticas do imperialismo, sobretudo norte americano que visava impor sua cultura e estilo de vida para os países em desenvolvimento, sobretudo o Brasil.

pelas contradições e imposições sócio-econômicas-sociais” (CANDEIA & ISNARD 1978 : 87). Por fim, os autores reforçam: “Quilombo não pretende chamar atenção do consumo, violentador da cultura tradicional, mas sim denunciar sua participação. É como se estivesse ocorrendo um “Watergate”, os sambistas estão sendo anestesiados, controlados e roubados” (CANDEIA & ISNARD 1978 : 88).

A fala dos autores nos dá a evidência do papel da escola de samba Quilombo frente ao avanço da modernização, que vem para descaracterizar e corromper não somente o espaço das Escolas de Samba, mas também a figura do sambista enquanto compositor e tido como pilar central na sustentação da cultura afro-brasileira dentro das agremiações e rodas de samba.

3.2 O Quilombo é a voz do sambista

Com o advento dos já mencionados novos meios de comunicação e do crescente mercado fonográfico a partir dos anos 1930, impulsionados pelo advento das gravadoras e sua consolidação ao longo dos anos, podemos perceber que o sambista tem deixado cada vez mais de compor para a escola ou agremiação da qual faz parte, para compor para as gravadoras, que moldam a forma como estes compositores pensam a música, privilegiando assim uma tendência mercadológica. Os ensaios das escolas de samba para o carnaval, por sua vez, acabaram se tornando grandes eventos, que atendem as demandas cada vez mais exigências do mercado.

A escola de samba Quilombo é uma referência de núcleo organizativo e bem delimitado que busca combater as deformações na qual a cultura afro-brasileira vem sofrendo frente a essa modernização. Nas palavras dos autores: “Quilombo é uma greve dos sambistas contra a poluição do meio” (CANDEIA & ISNARD 1978 : 88). E ainda “Quilombo não é um movimento renovador, mas também não é conservador” (CANDEIA & ISNARD 1978 : 88).

A modernização pode dar uma falsa impressão de que os problemas foram superados, mas os conflitos e problemas gerados por ela possibilitam a instabilidade e a crise dos sambistas e das instituições de samba, ou seja, as escolas. Segundo Candeia e Isnard (1987), basta vermos aos desfiles das escolas de samba que perceberemos logo de início as deformações impostas pelas modernizações, como o que um carro alegórico é capaz de fazer ou as grandiosas fantasias exibidas, um verdadeiro espetáculo que atrai não somente a classe média brasileira mas também turistas estrangeiros, para apreciar a exuberante apresentação

destas escolas de samba. Além do espetáculo que os desfiles têm se tornado, Candeia e Isnard (1987) atentam-se para a descaracterização destes:

Não está muito longe o extermínio das baianas, do mestre-sala, do porta-bandeira, dos passistas, dos compositores que vão sendo envolvidos e destruídos pela modernização e pelo consumo. Acreditamos na evolução gradativa vinculada às raízes populares (afro-brasileiras), desde que traga reais benefícios sem despersonalizar nossa cultura (CANDEIA & ISNARD 1978 : 88)

Incumbir os moldes tradicionais sem mostrar a autenticidade da arte popular afro-brasileira e burlar a devoção dos sambistas é furtar aquilo que existe de mais sublime e essencial no povo brasileiro: a cultura. Um povo sem sua cultura preservada é um povo sem identidade.

4. Uma proposta quilombista

Em 12 de Agosto de 1928 nascia a Deixa Falar, considerada a primeira escola de samba a ser criada. Na verdade, ela era um bloco carnavalesco e que depois veio a tornar-se um rancho⁶⁷. De acordo com Ismael Silva, principal fundador, em entrevista ao jornalista Sérgio Cabral (apud Nogueira 2014), o nome escola de samba não existia até o surgimento da Deixa falar, e teria sido escolhido em função da proximidade do Largo do Estácio, onde os sambistas do bloco se reuniam, com a Escola Normal – de formação de professores. Sendo então, a Deixa falar, uma escola de formação de sambistas, uma escola de samba.

Há controvérsias sobre a fundação da primeira escola de samba ser realmente a Deixa Falar. Carino & Cunha (2016), na obra Geografia da Música Carioca, mencionam que o compositor Cartola afirmava que a Estação Primeira de Mangueira era a pioneira, fundada em 28 de abril de 1928, o que derrubava a afirmação de Ismael Silva. Mas o portelense Antônio Caetano dizia que em Oswaldo Cruz e Madureira, nos anos de 1926, teria sido fundado o Conjunto Carnavalesco Escola de Samba de Oswaldo Cruz. O ponto é que não dá para precisar qual foi a pioneira de fato, mas esta polêmica não é o assunto central deste trabalho.

Segundo relata Ismael Silva: “Havia naquela época, o que se chamava agrupamento. Saía aquela meia dúzia de pessoas fantasiadas, cada um como bem entendia [...] não havia uma ideia predominante, um tema.”⁶⁸ A intenção da criação da Deixa Falar tinha um caráter organizador, pouco comum aos desfiles carnavalescos da época. O intuito de organizar

⁶⁷ Os Ranchos eram associações que desfilavam ou faziam cortejo de carnaval

⁶⁸ Apud Nogueira 2014, p. 67

agrupamentos carnavalescos era uma tentativa de evitar o confronto com a polícia, que historicamente sempre perseguiu as práticas do carnaval, do samba, entre outras manifestações da cultura afro-brasileira, como vem sendo relatado ao longo desse artigo.

4.1 O quilombismo e a Deixa Falar

NOGUEIRA (2014 : 67) comenta em seu livro Samba, cuíca e São Carlos que Xangô do Estácio confidenciou ao radialista Adelson Alves que os sambistas do Estácio eram perseguidos pela polícia no início do século XX, e quando isso ocorria, eles pulavam o muro de uma escola para se abrigar. Então o vigia da escola teria sugerido aos sambistas que fundassem uma agremiação de samba.

Apesar do destaque maior da fundação da Deixa Falar estar ligada a figura do Ismael Silva, outros sambistas também estiveram envolvidos na fundação da mesma, como: Alcebíades Barcelos, mais conhecido como Bide, Mano Edgar, Brancura, Baiaco, entre outros. Além de reunir os sambistas, a Deixa Falar, enquanto escola de samba, também cumpria o papel de equilibrar a relação com a polícia, justamente por sua postura organizativa nos desfiles, possibilitando assim, que esse grupo pudesse participar dos desfiles carnavalescos na praça Onze. Fatos como esses vem de encontro à abordagem desse artigo, que pensa a Deixa Falar como uma proposta quilombista.

Mesmo a Deixa Falar – e as demais escolas de samba que nasciam - tendo estabelecido com o Estado um espaço onde podia-se manifestar livremente, sem a interferência opressora da polícia, não quer dizer que essas agremiações eram aparelhadas, ou que se entregaram aos braços do Estado, muito pelo contrário, foi uma alternativa encontrada para estes corpos negros que sofriam, e ainda sofrem, opressão, continuarem suas manifestações de resistência cultural e de existência, um verdadeiro quilombo.

Considerações finais

Dentro do rigor de um artigo, pretendemos lançar uma crítica acerca da modernidade, os efeitos do capitalismo e do Necro-Racista-Estado, e suas interferências e deformações na cultura afro-brasileira de uma forma geral. Apesar de nesse artigo nós nos centrarmos na figura da escola de samba como forma de resistência à opressão do Estado e as modificações

sofridas com a interferência da modernidade capitalista, bem como um quilombo, esta reflexão também pode servir para enxergarmos outros espaços através dessa mesma ótica quilombista, como terreiros de macumba e a capoeira, por exemplo.

A Deixa Falar apesar de ser uma escola de samba e um quilombo – como é sugerido neste trabalho – legalizado, digamos assim, representa aspectos muitos similares a proposta de quilombo desenvolvida por Abdias Nascimento (1980), não só como espaço de resistência e luta, mas também um espaço de sociabilidade entre as pessoas que a frequentam, onde possam se manifestar e reviver suas raízes de forma segura e harmônica.

Esperamos, contudo, que este trabalho contribua para ampliar os estudos e pesquisas sobre a opressão do Necro-Racista-Estado, não só com a população negra, mas também com as demais minorias existentes no Brasil, e repensar o papel que as escolas de samba desempenham ou deveriam desempenhar, em resgatar a cultura afro-brasileira, valorizando sua história, sem se perder nas amarras do capitalismo moderno e do imperialismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, M. (2011). Histórias musicais da Primeira República. *Artcultura*, 13(22). Recuperado de <http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/14016>.

ABREU, Martha; DANTAS, Carolina Vianna. Música popular, identidade nacional e escrita da história. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v.13, n.1, p. 7-25, mai. 2016.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC, 1987.

BARROS, José D'Assunção. *História e música - Considerações sobre suas possibilidades de interação*. *História & Perspectivas*, Uberlândia (58); 25-39, jan./jun. 2018.

BURKE, Peter. *História e teoria social*. 2º ed. SP: ed. Unesp, 2012.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. 2º edição, Campinas - SP: Editora da Unicamp, 2001.

CANDEIA, Antônio & Isnard. *Escola de Samba: a árvore que esqueceu a raiz*. RJ: Lidador – SEEC – 1978.

CARINO, João & CUNHA, Diogo. *Geografia da música carioca*. 2º ed. – Niterói – RJ: Muriqui Livros, 2016

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da folia: Uma história social do carnaval carioca entre 1888 e 1920*. SP: Companhia das letras, 2001.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Herois*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DA CONCEIÇÃO JR, Carlos Augusto. *Geraldo Gamboa: Samba e resistência na Ditadura Militar em Campos dos Goytacazes*. Rio de Janeiro: Trabalho de Conclusão de Curso, UFF, 2017.

DE MORAES, Wallace. As origens do Necro-Racista-Estado no Brasil – Crítica desde uma perspectiva decolonial e libertária. *Revistas Estudos Libertários – REL (UFRJ)* Vol. 2 nº 6. 2º sem/2020

FERNANDES, Leonardo. Além do samba: a música negra nas Américas no período pós-abolição. *Ciência e Cultura*. vol 70, n.4, SP, Oct/Dec 2018.

LINS, Paulo. *DESDE QUE O SAMBA É SAMBA*. São Paulo: Planeta, 2012.

LOPES, Nei & SIMAS, Luiz Antonio. *Dicionário da História Social do Samba*. 1º ed. RJ: Civilização Brasileira, 2015.

SOARES, Maria Thereza Mello. *São Ismael do Estácio: O sambista que foi rei*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1985

NASCIMENTO, Abdias. *Quilombismo: Documentos de uma militância pan-africanista*. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 1980

NOGUEIRA, Carlos. *Samba, Cuíca e São Carlos*. Rio de Janeiro: Editora Oito e Meio, 2014.

RANGEL, Lúcio. *Sambistas e Chorões*. São Paulo: IMS, 2014